

Joanna Drzazgowska 

Universidade de Gdańsk

joanna.drzazgowska@ug.edu.pl

Futuridade ou modalidade?

As dificuldades dos alunos polacos na aprendizagem de tempos gramaticais e perífrases de valor futuro da língua portuguesa¹

Resumo:

O objetivo do artigo é apontar algumas dificuldades dos estudantes polacos que existem no âmbito do emprego dos tempos gramaticais e das construções perífrásticas de valor futuro da língua portuguesa. Em primeiro lugar, com base nas gramáticas da língua portuguesa, apresentar-se-ão os meios que servem para exprimir o valor futuro (futuro simples, futuro composto, *ir* (no tempo presente) + *infinitivo*, *haver* (no tempo presente) *de* + *infinitivo*, presente do indicativo). Simultaneamente, analisar-se-ão os valores modais que parecem estar intimamente ligados às formas de futuro (Paiva Boléo, 1935). A seguir, mostrar-se-á uma curta análise dos recursos que existem na língua polaca e servem para exprimir o valor futuro. Indicar-se-ão algumas convergências, mas, antes de tudo, as divergências entre os sistemas de língua portuguesa e língua polaca.

Palavras-chave: tempos futuros, perífrases, modalidade, didática de Português Língua Estrangeira

¹ O artigo constitui uma versão alargada da comunicação apresentada no VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP), Porto de Galinhas (Pernambuco), Brasil, 20-24/08/2019.

Abstract:**Futurity or modality? The difficulties of Polish students in learning Portuguese future tenses and periphrases**

The aim of the paper is to highlight some of the difficulties Polish students encounter when applying tenses and periphrastic constructions expressing the future in the Portuguese language. Basing on the analysis of the grammars of the Portuguese language the means to express future will be presented in the first place. At the same time modal values which seem to be closely connected to the forms expressing the future will be analyzed. Next a short analysis of the means of expressing the future in the Polish language will be conducted. Similarities and – more importantly – differences between the system of the Portuguese and Polish languages will be demonstrated.

Keywords: future tenses, periphrases, modality, teaching Portuguese as a Foreign Language

Na língua portuguesa, os tempos futuros do modo indicativo, ou seja, o Futuro Simples (designado também: Futuro do Presente, Futuro Imperfeito) e o Futuro Composto (Futuro Perfeito), apresentam muitas características peculiares quanto aos valores que podem exprimir. Trata-se não só dos valores temporais, mas também dos valores modais. Além disso, na língua portuguesa existem outros meios que permitem expressar a ideia de futuro: o presente do indicativo e as construções perifrásticas (*ir* (no Presente do Indicativo) + *infinitivo*, *haver* (no Presente do Indicativo) *de* + *infinitivo*). No presente artigo, tentar-se-á discutir as convergências e as divergências no âmbito dos diferentes recursos que a língua portuguesa tem ao seu dispor quanto à expressão do futuro. Simultaneamente, apresentar-se-ão os valores modais que parecem estar intimamente ligados ao valor de futuro. Na parte final do trabalho, mostrar-se-ão algumas dificuldades que surgem no âmbito do ensinamento e da aprendizagem dos tempos e das construções em causa.

A categoria linguística de tempo exprime “a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma” (Xavier, Mateus, 1992: 365). A ordenação mencionada baseia-se nas relações de simultaneidade (o tempo presente), anterioridade (o passado)

e posterioridade (o futuro). O modo (ou a modalidade), por seu turno, é uma categoria gramatical que serve para exprimir a atitude do sujeito falante relativamente à proposição contida no enunciado ou ainda relativamente ao alocutário (Xavier, Mateus, 1992: 245). Contudo, já em um dos seus primeiros artigos, Paiva Boléo (1935: 4) falou da *osmose* dos tempos e dos modos e constatou que as categorias gramaticais se entrelaçam mutuamente. Neste contexto, o linguista observou o fenómeno da existência de tempos com significado modal e de modos empregados temporalmente (Paiva Boléo, 1935: 5). Depois de ter analisado algumas frases da língua portuguesa, Paiva Boléo apontou que o uso do verbo no tempo futuro servia para exprimir “suposição, conjectura, dúvida, concessão ou aproximação” (Paiva Boléo, 1935: 9). Visto que o futuro serve para exprimir uma situação que ocorrerá em um momento do porvir, segundo a opinião do linguista, é sempre acompanhado da ideia de eventualidade, de incerteza, mas, também, de desejo, de esperança e, até, de convicção por parte do locutor.

Passemos agora à apresentação dos valores temporais e modais dos tempos e das perífrases do futuro. Contudo, este artigo não pretende ser um estudo exaustivo. Cingimo-nos à análise de quatro gramáticas de língua portuguesa publicadas em Portugal.

O Futuro Simples indica factos posteriores ao momento da enunciação (Cunha, Cintra, 1998: 457, Vilela, 1999: 167). No entanto, alguns tratadistas do assunto constataam que tal função é rara (Mateus et al., 2006: 158), assim como é relativamente raro o emprego do futuro na língua falada (Cunha, Cintra, 1998: 458). Portanto, na gramática de Mateus et al. (Mateus et al., 2006: 158), lemos que o Futuro Simples é mais próximo de um modo do que de um tempo (Mateus et al., 2006: 158). Neste contexto, os autores das gramáticas da língua portuguesa indicam, em primeiro lugar, um valor de modalidade epistémica, ou seja, o valor de incerteza (Cunha, Cintra, 1998: 457; Vilela, 1999: 167; Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 526). Às vezes, especifica-se o valor mencionado falando da probabilidade e dúvida (Cunha, Cintra, 1998: 457) e, também, da suposição (Cunha, Cintra, 1998: 457, Vilela, 1999: 167). Simultaneamente, repara-se que a incerteza e a probabilidade se referem tanto aos factos atuais como aos

futuros (Cunha, Cintra, 1998: 457). Quanto ao valor da modalidade deôntica, que também pode ser expressa pelo Futuro Simples, indicam-se a súplica, desejo e ordem (Cunha, Cintra, 1998: 458). Vilela (1999: 167) aponta que a ordem é de natureza moral intemporal. No mesmo contexto, na gramática de Buzaglo et al. (2013: 526), fala-se da expressão de regras, leis ou recomendações. Portanto, estamos perante um valor que se pode aproximar da força ilocutória do imperativo (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 526), cujo caráter pode ser atenuado ou reforçado pelo tom de voz (Cunha, Cintra, 1998: 458).

O Futuro Composto indica uma ação futura que estará consumada antes de outra (Cunha, Cintra, 1998: 460). Oliveira (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 531), por seu turno, fala de “uma situação concluída posterior à enunciação, mas anterior relativamente ao tempo de referência”. Em Mateus et al. (2006: 164), além da informação que o Futuro Composto marca uma anterioridade em relação ao tempo futuro, aponta-se o valor adicional de perfectividade. Portanto, Vilela (1999: 167-168) constata que o Futuro Composto não se usa atualmente para expressar as relações temporais e que “exprime antes o futuro como acontecimento acabado”. O linguista acrescenta que “deverão ocorrer outros meios linguísticos para indicar o tempo, de contrário, prevalece o valor modal” (Vilela, 1999: 168). Quanto aos valores modais, o Futuro Composto, assim como o Futuro Simples, exprime a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição), mas, neste caso, trata-se de factos passados (Cunha, Cintra, 1998: 460). Vilela (1999: 162), por sua vez, indica mesmo a dominação do sema *suposto* no Futuro Composto e, portanto, não analisa a suposição dentro da incerteza. O linguista distingue a suposição acerca do passado do ponto de vista do presente da incerteza acerca do passado (Vilela, 1999: 168).

Oliveira, além de constatar que o tempo futuro “localiza as situações num tempo posterior ao da enunciação”, reconhece que “existem alternativas de uso, sobretudo na oralidade, para exprimir um tempo semântico do Futuro” (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 525). Passemos agora à análise dos meios mencionados.

Segundo Cunha e Cintra (1998: 448), o Presente do Indicativo serve para marcar um facto futuro, mas próximo. No entanto, na

gramática de Mateus *et al.* (Mateus et al., 2006: 158), somente se indica a posterioridade em relação ao tempo da enunciação. Os linguistas sublinham que, para impedir a ambiguidade, as formas verbais são acompanhadas dos adverbiais indicadores do futuro (Cunha, Cintra, 1998: 448, Mateus et al., 2006: 154, Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 525). No entanto, num contexto discursivo suficientemente informativo, as expressões adverbiais não são necessárias (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 525).

A construção *ir + infinitivo* serve para exprimir uma ação futura imediata (Cunha, Cintra, 1998: 459). Na mesma gramática, vemos que exprime firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo (Cunha, Cintra, 1998: 395). Devido ao facto de que a própria perífrase traz a ideia de futuridade, não são necessários nem adverbiais nem um contexto vasto (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 526).

A construção *haver de + infinitivo* exprime a intenção de realizar um ato futuro (Cunha, Cintra, 1998: 458-459) ou o firme propósito de realizar o facto (Cunha, Cintra, 1998: 393). Na gramática de Buzaglo Paiva Raposo et al. (2013: 526), indica-se que a perífrase “está associada a um tempo futuro indeterminado e tem uma forte componente modal, em que se expressa um desejo, uma intenção ou um compromisso”.

Estudadas as gramáticas da língua portuguesa, pode-se constatar que as questões relacionadas com a modalidade predominam na descrição dos tempos e das construções do futuro. Além disso, é preciso repararmos que, dependendo do meio empregado, os valores modais apresentam um vasto leque de interpretações possíveis em diferentes contextos enunciativos – de certeza, convicção, ordem, desejo até incerteza, dúvida e possibilidade.

Devido à complexidade do problema e das potenciais dificuldades no ensino-aprendizagem, passemos agora à análise das gramáticas de português língua estrangeira (PLE). Para o fim do nosso trabalho, foram escolhidas cinco gramáticas de PLE. O objetivo da análise foi verificar como o tema relacionado com os valores expressos pelos tempos e pelas perífrases em causa é apresentado nos materiais

elaborados para alunos estrangeiros, ou seja, se tanto o valor temporal como o modal são mencionados.

Segundo as fontes estudadas, o Futuro Simples exprime “uma ação posterior ao momento de fala ou de escrita” (Arruda, 2016: 137), ou, simplesmente, “a realização de uma ação no futuro” (Melo Rosa, 2011: 102). Arruda (2016: 137) aponta ainda que é usado raramente na língua falada. O mesmo ponto de vista é apresentado por Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81) que constata que o Futuro Simples é “pouco comum no registo corrente, principalmente na oralidade”. No entanto, outros autores indicam o uso tanto na linguagem oral como escrita (Melo Rosa, 2011: 102, Oliveira, Coelho, 2007: 38), mas sublinham que se trata apenas da linguagem cuidada (Melo Rosa, 2011: 102) ou cuidada e formal (Oliveira, Coelho, 2007: 38). Ademais, Arruda (2016: 137-138) indica que o Futuro Simples se utiliza “como fórmula de boa educação” e, simultaneamente, nota que o tempo em causa é “muitas vezes substituído pelo presente”.

Além disso, os autores apontam que o Futuro Simples exprime (Arruda, 2016: 137), ou reforça (Oliveira, Coelho, 2007: 40), dúvida ou incerteza relativa a factos atuais (Arruda, 2016: 137). Melo Rosa (2011: 102) somente se refere ao conceito de dúvida, mas informa que se trata do uso na linguagem oral e escrita. Coimbra, Mata Coimbra (2011: 52), por sua vez, afirmam que o valor de incerteza/desconhecimento sobre situações presentes é obtido nas frases interrogativas. Neste contexto, Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81) referem-se à construção *Será que ...?* e informam que “é bastante comum, mesmo na oralidade e em registo corrente, para apresentar uma situação como incerta, tanto no passado, como no presente ou no futuro”.

Outros valores modais são ainda indicados: ordem e desejo (Arruda, 2016: 138), possibilidade (Arruda, 2016: 138, Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81) e probabilidade (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81). A qualidade do que é provável, (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81), refere-se tanto a situações presentes como futuras. Na linguagem jornalística, o Futuro Simples pode também

expressar factos de realização não confirmada (Melo Rosa, 2011: 102). Além dos jornais, Oliveira, Coelho (Oliveira, Coelho, 2007: 40) indicam jornais noticiários, programas televisivos, discursos formais etc., ou seja, apontam o uso do Futuro Simples numa linguagem formal, escrita ou falada, sem se referir ao seu valor (temporal ou modal). Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 81), por seu turno, apontam que o uso modal é pouco frequente na oralidade, sendo preferidas outras estruturas.

No que se refere ao Futuro Composto, o tempo “expressa o valor temporal de anterioridade relativamente a outra situação” (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 82), ou seja, uma ação futura anterior a outra também futura (Arruda, 2016: 139, Mata Coimbra, Coimbra, 2002: 48). No entanto, é pouco utilizado num registo corrente oral, sendo frequentemente substituído pelo Pretérito Perfeito Simples (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 82). Quanto ao valor modal, indica-se que o Futuro Composto pode expressar certeza de uma ação futura (Arruda, 2016: 139). Ademais, em relação aos factos passados, os autores apontam a incerteza (Mata Coimbra, Coimbra, 2002: 48, Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 82) e dúvida (Arruda, 2016: 139). Portanto, devido à suposição sobre situações passadas, é bastante comum nos textos jornalísticos (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 82) ou, no sentido mais vasto, na comunicação social (Arruda, 2016: 139), por exemplo, nas reportagens (Mata Coimbra, Coimbra, 2002).

Entre outros meios de expressão do futuro, as gramáticas de PLE mencionam o uso do Presente do Indicativo quando falamos de um acontecimento ou uma ação futura próxima (Oliveira, Coelho, 2007: 38, Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 14). No entanto, Melo Rosa (2011: 101) aponta que exprime somente “uma intenção de realizar uma ação próxima”. Simultaneamente, os autores informam que é obrigatório utilizar um advérbio de tempo (Oliveira, Coelho, 2007: 38, Melo Rosa, 2011: 101), quer dizer, expressões que situam a ação no futuro (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer 2019: 81). No que se refere às construções perifrásticas, *ir + infinitivo* “indica um tempo posterior ao presente” (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer 2019: 82) ou, mais precisamente, o futuro próximo (Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 50), ou imediato

(Arruda, 2016: 138). Melo Rosa (2011: 101) indica a intenção de realizar uma ação próxima e, ao contrário do tempo presente, não é obrigatório utilizar um advérbio de tempo (Melo Rosa, 2011: 101). A perífrase em causa é mais usada na linguagem corrente e informal e substitui frequentemente o Futuro Simples (Oliveira, Coelho, 2007: 38). A construção *haver de + infinitivo*, por seu turno, exprime a intenção de um ato (Arruda, 2016: 137) ou de uma realização (Oliveira, Coelho, 2007: 40) no futuro. Às vezes, os autores especificam a intenção que é “forte” (Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 64) ou expressa “de uma forma intensa” (Melo Rosa, 2011: 101), mas também pode ser “vaga” (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer 2019: 62). Além da intenção, os autores indicam a convicção (Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 64), obrigação (Ferreira, Cardoso, Melo-Pfeifer, 2019: 62) ou desejo (Melo Rosa, 2011: 101) relativamente a ações futuras. Apenas uma fonte (Melo Rosa, 2011: 101) informa que a localização temporal da realização da ação não é conhecida.

Como se pode observar, existem algumas diferenças na análise dos tempos e das perífrases em causa. No que se refere aos valores modais que podem ser expressos, alguns linguistas apresentam uma análise detalhada, e outros somente se limitam a mencionar a incerteza. Observam-se também certas divergências relativas aos registos de língua e às situações comunicativas em que se pode usar um tempo ou uma construção. Além disso, *não se* especifica em que contexto enunciativo o Presente do Indicativo pode substituir o Futuro Simples e o Pretérito Perfeito Simples – o Futuro Composto. Também não se explica em que consiste (se existe) a diferença entre a construção *ir + infinitivo* e o Presente do Indicativo se os dois meios exprimem o futuro próximo.

No caso dos alunos polacos, a aprendizagem dos tempos e das construções do futuro portugueses, pode ser dificultada não somente pela própria complexidade dos meios que no português servem para exprimir o futuro e por algumas imperfeições das gramáticas de PLE, mas também por causa das divergências no sistema de tempos na língua polaca e na língua portuguesa. Além das diferenças formais, existem importantes divergências quanto aos valores expressos pelos

tempos no português e no polaco. Na língua polaca, existe somente um tempo futuro, mas tem duas formas possíveis. No caso dos verbos perfectivos², é chamado futuro simples (*czas przyszedły prosty*) e, no caso dos verbos imperfectivos³, futuro analítico (*analityczny czas przyszedły*) (Nagórko, 2012: 137). A forma composta é constituída pelo verbo auxiliar *być* (ser) e o verbo principal no infinitivo ou no particípio passado com *-l-* / *-ł-*. Nagórko (2012: 138) compara as duas formas do futuro e constata que a diferença do valor delas está relacionada com o valor modal. Segundo a linguista, o tempo futuro está ligado à modalidade por se referir aos acontecimentos possíveis e não aos factos. Neste contexto, o emprego do futuro simples implica uma maior certeza do locutor relativamente ao *dictum*.

Passemos agora à análise de alguns recursos que tem ao seu dispor a língua polaca para exprimir os mesmos valores que os tempos e as construções de futuro portugueses. Os valores de incerteza/dúvida/probabilidade de (1a), no polaco, podem ser obtidos graças ao uso da partícula *czyżby* que introduz uma pergunta retórica pondo em dúvida o que foi dito (1b). O emprego do verbo, neste caso *być* (ser), no tempo passado é facultativo. Além disso, podem ser utilizados outros meios lexicais como as partículas de probabilidade *chyba* (1c) e *może* (1d) ou advérbio de probabilidade *prawdopodobnie* (1e). Nesses casos, o uso do verbo no tempo presente é facultativo.

1a. Será ele?

1b. Czyżby to (był) on?

1c. To chyba (jest) on.

1d. To może (być) on.

1e. To prawdopodobnie (jest) on.

² Na língua polaca, quase todos os verbos, em todas as suas formas temporais e modais, podem ser perfectivos ou imperfectivos.

³ O verbo *być* constitui uma exceção à regra por ser imperfectivo e aparecer nas formas do tempo sintético (Nagórko, 2012: 137).

Quanto ao valor da ordem, na língua polaca, é possível obter o valor que se aproxima do valor do modo imperativo empregando a forma do Futuro Simples do verbo perfectivo:

2a. (?) Irás à loja!

2b. Pójdziesz do sklepu!

Mesmo que o valor da ordem seja mencionado pelos linguistas, o uso de (2a) parece pouco natural na língua falada. Podemos supor que tal emprego depende do contexto enunciativo. No polaco, ao contrário, o valor da ordem expresso pelo verbo perfectivo (*pójść*) no Futuro Simples (2b) *é mais forte do que o uso do modo imperativo*.

No que se refere à expressão de uma ação futura anterior a uma outra também futura, no polaco, é possível empregar, no tempo futuro, a construção *mieć* (ter) + *particípio passado* que concorda em número e género com o complemento direto. A construção polaca de (3b) *będziesz miała przeczytane wszystkie książki* pode ser traduzida para o português como *terás todos os livros lidos*. No entanto, embora a construção seja gramatical, o seu uso parece um pouco antiquado. Portanto, a tradução aceitável de (3a) é apresentada em (3c), onde *terás lido* é traduzido como *przeczytasz* (forma do tempo futuro do verbo *przeczytać*). Em vez da conjunção *kiedy* (quando), ocorre a conjunção *zanim* (antes de/que) que de forma muito clara comunica que o acontecimento da oração principal deve ocorrer antes do acontecimento da oração subordinada. Vale a pena mencionarmos aqui que tanto em (3b) como em (3c) foi utilizado o verbo perfectivo *przeczytać* que sublinha o facto de a ação estar acabada antes de uma outra. O emprego do verbo imperfectivo *czytać*, neste contexto, é inaceitável. Em ambas as línguas, observamos também a presença (facultativa) do advérbio *já* (*już*) que acentua a anterioridade de uma ação em relação à outra.

3a. Quando eu chegar, tu (já) terás lido todos os livros.

3b. *Kiedy ja przyjadę, ty (już) będziesz miała przeczytane wszystkie książki.*

3c. *Ty (już) przeczytasz wszystkie książki zanim ja przyjadę.*

Entre as duas construções temporais *ir* + *infinitivo* e *haver de* + *infinitivo*, existem algumas diferenças no seu emprego. A perífrase com o auxiliar *ir* parece ser mais temporal⁴ do que a com *haver*, ou seja, parece mostrar menos características modais. Contudo, na língua polaca, não existem os equivalentes formais das perífrases em causa. Visto que o uso do Futuro Simples português é antes de tudo modal, a construção *ir* + *infinitivo* pode ser considerada o equivalente do tempo futuro polaco. No que diz respeito a (4a) *haver de* + *infinitivo*, para se aproximar do valor da perífrase portuguesa, é preciso empregar outros meios. Em (4b), foi aproveitada a construção *musieć* (ter de/que, dever) + *infinitivo* que, em polaco, permite exprimir o valor de forte intenção. Em (4c), por seu turno, foram utilizados meios lexicais: o verbo perfectivo *pojechać* é acompanhado da construção adverbial *na pewno* (com certeza), o que sublinha a convicção por parte do locutor de realizar a ação. O uso do verbo imperfectivo (4d) no tempo presente (*jadę*) e no futuro analítico (*będę jechać*) permite exprimir mais um acontecimento planeado do que a convicção *de* o realizar.

4a. Hei de ir ao Japão (um dia).

4b. Muszę pojechać do Japonii (pewnego dnia, kiedyś).

4c. Na pewno pojadę do Japonii (pewnego dnia, kiedyś).

4d. Na pewno jadę/będę jechać do Japonii.

Em polaco, assim como em português, usa-se o tempo presente para se referir a ações futuras. Na tradução da frase (5a), foi empregado o verbo imperfectivo *dzwonić* (telefonar) (5b). Quando compararmos (5b), ou seja, a tradução literal de (5a), com o exemplo (5c), onde foi usado o tempo futuro do verbo perfectivo *zadzwonić*, observamos que o uso do verbo no presente (5b) introduz um valor modal – trata-se de uma forte intenção de fazer uma coisa, o locutor comunica que já tomou decisão relativamente a um acontecimento posterior.

5a. Telefona-te amanhã.

5b. Dzwonię do ciebie jutro.

5c. Zadzwonię do ciebie jutro.

⁴ Para uma análise detalhada dos valores de *ir* + *infinitivo*, veja-se Drzazgowska (2018).

Na língua polaca, assim como na língua portuguesa (Buzaglo Paiva Raposo et al., 2013: 154-155), o uso de alguns predicados, especialmente os estados não faseáveis, no tempo presente para exprimir o valor de futuro parece raro, ou, até, agramatical, como mostrado abaixo:

- 6a. *Na próxima semana, ele é baixo.
- 6b. *W przyszłym tygodniu on jest niski.

As dificuldades dos alunos polacos na aquisição do sistema de expressão do futuro na língua portuguesa residem, como tentámos mostrar acima, nas diferenças nos sistemas em ambas as línguas. As divergências básicas referem-se a:

- uso raro do Futuro Simples português para exprimir o valor temporal
- falta do conceito de posterioridade na futuridade no sistema temporal polaco
- tempo futuro polaco que, ao contrário do português, no que se refere aos valores modais, exprime a modalidade deontica
- falta dos equivalentes polacos das *perífrases* *ir + infinitivo* e *haver de + infinitivo*

No presente artigo, não foi possível analisarmos de modo exaustivo todos os meios de expressão do futuro das línguas portuguesa e polaca. Tanto os tempos gramaticais como as construções perifrásticas merecem uma análise mais pormenorizada. No futuro, pretendemos voltar ao assunto em causa e analisar os manuais de português língua estrangeira para verificarmos se apresentam uma informação completa, quanto à expressão do futuro (e da modalidade) no português, mas também útil para os estudantes de português língua não materna.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, L. (2016), *Gramática de Português Língua Não Materna*, Porto Editora, Porto.
- BUZAGLO PAIVA RAPOSO, E. et al. (eds) (2013), *Gramática do português*, vol. 1, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (2011), *Gramática Ativa 1*, Lidel, Lisboa.
- CUNHA, C., CINTRA, L.F. (1998), *Nova gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DRZAZGOWSKA, J. (2018), “Dificuldades dos alunos polacos na aprendizagem de construções perifrásticas portuguesas com os auxiliares *ir* e *vir*” em: Carrilho, A.R. et al. (eds) *Ao Encontro das Línguas Ibéricas*, LusoSofia, Covilhã, p. 185-210.
- FERREIRA, T.S., CARDOSO, I., MELO-PFEIFER, S. (2019), *Gramática de Português Língua Não Materna. Níveis B1, B2 e C1*, Porto Editora, Porto.
- MATA COIMBRA, O., COIMBRA, I. (2002), *Gramática Ativa 2*, Lidel, Lisboa.
- MATEUS, M.H.M., et al. (2006), *Gramática da Língua Portuguesa. 7.^a edição*, Caminho, Lisboa.
- MELO ROSA, L. (2011), *Vamos lá começar. Explicações e Exercícios de Gramática. Níveis de Iniciação e Elementar*, Lidel, Lisboa.
- NAGÓRKO, A. (2012), *Podręczna gramatyka języka polskiego*, Wydawnictwo Naukowe PWN, Warszawa.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007), *Gramática Aplicada. Português para Estrangeiros. Níveis A1, A2, B1*, Texto Editores, Lisboa.
- PAIVA BOLÉO, M. de (1935), “Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo” em: *Boletim de Filologia*, vol. III, fasc. 1-2, Lisboa, p. 3-24.
- VILELA, M. (1999), *Gramática da língua portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.
- XAVIER, M.F., MATEUS, M.H. (eds) (1992), *Dicionário de termos linguísticos*, vol. II, Edições Cosmos, Lisboa.